



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina  
Brasil

Wittmann, Isabel

Contos de fadas da vida real: conhecendo praticantes de crossdressing no Brasil  
Revista Estudos Feministas, vol. 22, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 1003-1005

Universidade Federal de Santa Catarina  
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38132698023>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

---

# Contos de fadas da vida real: conhecendo praticantes de crossdressing no Brasil

*Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil.*

VENCATO, Anna Paula.

São Paulo: Annablume, 2013, 274 p.

A procura pelo feminino, homens “vestindo-se” de mulher, é certamente um fenômeno muito interessante, principalmente se observado sob a ótica do gênero e se pensarmos que na cultura o masculino sempre teve um valor hierárquico maior que o feminino (Anna Paula VENCATO, 2003, p. 192).

O livro *Sapos e Princesas - Prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil* é o novo trabalho da pesquisadora Anna Paula Vencato. Até então, ela vinha publicando trabalhos que abordavam o universo das drag queens, mas, entre 2007 e 2009, passou a pesquisar os crossdressers (*cds*), homens que se vestem de mulheres, negociando, em sua vida pessoal, o “estar montada!” (princesa) ou “desmontado” (sapo). Tal pesquisa resultou em sua tese de doutamento em Sociologia e Antropologia pela UFRJ.

A publicação é estruturada em cinco capítulos. O primeiro, “Algumas cenas da pesquisa: As *Olim...piadas*” relata o contato com o *Brazilian Crossdresser Club* (BCC), principal meio de encontro da autora com praticantes de crossdressing. O clube promove eventos de cunho regional e nacional, e um desses últimos foi uma espécie de gincana com provas atléticas, promovida em uma pousada ao longo de um fim de semana em 2008, chamada *Olim...pia-das*, em referênc-

cias aos Jogos Olímpicos. Nesse capítulo, várias das personagens recorrentes são apresentadas, bem como a relação entre membros do clube, a negociação da presença de mulheres (chamadas de *gg: genetic girls* ou *mulheres genéticas*), que podem ser *S/O (supportive other*, uma pessoa do sexo oposto que apoia a crossdresser e pode ajudá-la a montar-se), geralmente esposas ou namoradas.

De uma maneira geral, os homens praticantes mencionados na pesquisa têm entre 30 e 60 anos, pertencem a camadas médias e altas do extrato social e, quando desmontados, vestem-se de forma conservadora. Há também um “jogo de espelhos”, segundo a autora, que diz respeito à forma como se deve ou não se vestir do outro sexo, lidando com estígmas acerca da prática. A rejeição ao termo “travesti” aparece frequentemente, marcada pela sua associação à prostituição, à pista e às privações.

O segundo capítulo, “Uma crossdresser não vai a lugar nenhum sozinha: espaços e lugares no contexto do se montar”, aborda questões de sociabilidade do grupo estudado: onde se encontrar em *femme*. A hierarquia e o funcionamento do BCC são explicados, bem como espaços de encontro fora do clube, como *Le Closet*. Esse é o nome dado a um apartamento em São Paulo e outro no Rio de Janeiro, alugados por crossdressers, para que possam se encontrar e promover festas montadas. Além disso, existem certos restaurantes, bares e boates que frequentam eventualmente.

O clube possui uma página na internet, e as associadas têm acesso a uma lista de discussão. As suas usuárias se dividem em dois grupos: o de associadas *virtuais*: todas que fazem parte do clube; e de associadas *reais*: restrito àquelas que já compareceram aos encontros organizados

pelo clube. Em geral, no primeiro, discute-se sobre o que é ser crossdresser, bem como a diferença entre crossdressers, travestis e transexuais, além de haver trocas de experiências pessoais relacionadas à montaria, como compra de maquiagens, roupas e acessórios. Já no segundo conversa-se sobre os eventos, os encontros, as fotos das atividades e os assuntos relacionados.

No terceiro capítulo, "Crossdressers, Crossdressings", a autora descreve as diferentes visões que encontrou sobre a prática do crossdressing e as diferenças apresentadas pelas praticantes em relação a grupos vistos como relacionados, travestis e transexuais. É conferido destaque a certos discursos médico-científicos (geralmente da sexologia e da psicanálise), que circulam no meio como justificativa para a prática, bem como a forte marcação de classe social utilizada para distinguir-se de outros, como travestis.

Algumas práticas diferenciadas são apresentadas, como o crossplay, variação do cosplay, geralmente praticado por mulheres, em que o participante se fantasia de um personagem do sexo oposto. Além disso, há o crossdressing vinculado a práticas fetichistas, geralmente ligadas à dominação e à submissão no contexto do BDSM (Bondage, Disciplina, Sominação, Sadismo e Masoquismo). Normalmente ele não é considerado um "verdadeiro crossdressing" pelos membros do BCC, justamente por ser vinculado a um desejo de ordem sexual, e não à vontade pura de se vestir de mulher.

Da mesma forma, segundo elas, adeptos homossexuais também não seriam verdadeiros crossdressers, pois estariam apenas dando vação a um lado efemínado já presente em sua natureza. Assim, homens homossexuais têm circulação restrita no grupo, pois representariam o perigo, devido a uma luxúria que lhes seria própria. A maior parte das associadas se identificam como heterossexuais, embora a prática possa ocorrer em ambientes voltados ao público LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), como bares e boates.

Embora haja tensões com as mulheres transexuais, elas ainda assim gozam de privilégios que as mulheres gg não possuem no BCC. Isso acontece porque compartilham com as crossdressers de um ponto de partida em comum, que é o *nascer homem*.

Outra questão levantada é a do crossdressing FTM (*female to male*), que, segundo as interlocutoras, é "sem graça" ou "de mau gosto". Para elas, as roupas masculinas são básicas demais e até mesmo feias, de maneira que não entendem o apelo dessa prática. Além disso,

segundo a autora, falam que os praticantes não alcançam uma imagem *verdadeiramente masculina*. O que não deixa de ser interessante se pensarmos no que se entende por "verdadeiramente masculino" ou "verdadeiramente feminino". Qual seria a imagem de feminilidade hegemônica considerada real, a ponto de ser reivindicada pelas crossdressers?

Segundo elas, uma mulher não agride a sociedade ao vestir uma calça e andar de tênis, mas um homem utilizando roupas tidas como femininas ainda recebe estímgas. Conforme rebate a autora, não é qualquer calça que é aceita para mulheres, sendo que o corte da roupa e os acessórios são específicos, dentro de um modelo esperado da marcação de gênero. Uma reclamação das interlocutoras é de que a masculinidade do crossdressing FTM é estereotipada, exagerada e caricata, não condizendo com a realidade. Mas mesmo uma interlocutora gg questionou: "Vê se alguém quer se vestir de mulher para lavar a louça? Elas querem é se vestir para participar de concurso de Miss". Novamente chega-se à questão da representação do feminino.

O quarto capítulo, 'Quase uma mulher': negociações entre estar montada e desmontada" trata das alternâncias entre a vida de sapo e de princesa.

Dois conceitos constantemente presentes e relatados em seus cotidianos são *urge* e *purge*. O primeiro é o momento em que a vontade de se montar se intensifica, geralmente acompanhada de grande investimento financeiro em roupas e acessórios para esse fim. Já o segundo é o momento oposto: uma diminuição na frequência com que se monta e consequente afastamento do meio.

Ficam patentes as relações entre o sapo e sua princesa em discursos que afirmam que o primeiro sustenta os hábitos de consumo quase incontroláveis da segunda. Também são levantadas questões como a dor necessária para ser bela, que vai de andar de salto ao uso de cintas modeladoras, podendo chegar à depilação com laser. Mas embora certas concessões dolorosas sejam feitas visando um resultado final mais bonito, o crossdressing consiste em vestir o que uma mulher vestiria, sem chegar ao exagero das drag queens e, por outro lado, sem pretender ser *passáveis* como as transexuais.

O capítulo final, "Vestidos para ir a lugar nenhum": crossdressing e negociações para se estar montada", é sobre as relações dos sujeitos em suas vidas privadas, na convivência com as demais pessoas, especialmente companheiras,

---

levantando questões sobre até onde levar o crossdressing. Escolhas como depilar o corpo, fazer as sobrancelhas, pintar as unhas e mesmo práticas mais avançadas, como ingestão de hormônios, são pesadas de acordo com o impacto das consequências em suas vidas de sapos. A maior dificuldade relatada é o de contar para parceiras sobre sua prática ou ainda relatar para uma possível nova namorada, o que é comparado com o ato de “sair do armário”.

Essas negociações entre público e privado também se refletem nas discussões a respeito da visibilidade do BCC na mídia. A diretoria, à época da pesquisa, acreditava que essa visibilidade ajudaria na divulgação do clube, bem como na informação da população em geral e na quebra de estigmas e preconceitos, de maneira que participaram de diversas entrevistas e programas de televisão. Algumas associadas diziam-se incomodadas, pois a visibilidade poderia levar ao reconhecimento de sua versão sapo, o que poderia acarretar grandes prejuízos pessoais e financeiros, a depender de sua posição na sociedade.

*Sapos e Princesas - Prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil* é um importante trabalho dentro dos estudos de gênero, a respeito da temática de homens que se vestem de mulheres. Temos, no Brasil, vasta literatura sobre travestis e mesmo sobre drag queens, e a obra de Anna Paula Vencato vem a contribuir com o campo, preenchendo uma lacuna existente a respeito da prática de crossdressing. É interessante perceber que os adeptos da prática não se vêm como mulheres, mas buscam se montar, geralmente com características que admiram nelas. Dessa forma, percebe-se a fluidez com que o gênero é produzido e manipulado. A prática do crossdressing possui

uma temporalidade própria, pautada pelo vai e vem entre a vida de montada e a de desmontado.

O trabalho de Anna Paula Vencato é realizado através de etnografia, com uma descrição fluida e bastante clara. Com o foco no BCC, não temos um panorama mais extenso sobre a prática, ficando os seus praticantes resumidos em um perfil de homens heterossexuais de classe média ou alta, o que pode ou não corresponder à realidade das vivências de crossdressers fora do clube. Entretanto, pelo próprio ineditismo da temática, o trabalho já se firma em posição de importância, abrindo as portas para quem queira ampliar os estudos. O livro é uma excelente leitura para quem quer ter contato ou expandir o conhecimento a respeito de *homens que se vestem de mulheres*.

#### Nota

<sup>1</sup> Termo relacionado à “montaria”, que é o processo de composição de uma personagem, que incluem a vestimenta, a maquiagem, o nome, o falar etc. (VENCATO, 2005, p. 232).

#### Referências

- VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. *Cadernos AEL*, v. 10, n. 18-19, p. 187-215, 2003.  
\_\_\_\_\_. “Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação”. *Caderno Pagu*, Campinas, n. 24, p. 227-247, jan./jun. 2005.  
\_\_\_\_\_. *Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2013.

Isabel Wittmann ■  
Universidade Federal do Amazonas